Dados mostram zona do euro mais perto da recessão
Brian Blackstone

Desemprego e inflação na região continuam em alta.

A zona do euro se aproximou mais da recessão com a estagnação da economia na Espanha e com o desemprego nos 17 países atingindo, inesperadamente, seu maior índice desde a criação da moeda comum, o que complica os esforços do Banco Central Europeu de tirar a região da crise da dívida.

A inflação permanece em alta, no maior nível em três anos e bem acima da meta de 2% do BCE, o que limita o espaço para que o próximo presidente do banco, Mario Draghi, estimule o crescimento por meio de cortes na taxa de juros, quando a diretoria do banco se reunir na semana que vem.

Segundo relatório da agência de estatística da União Europeia, a Eurostat, o número de pessoas sem emprego na zona do euro aumentou em 188 mil em setembro, levando a taxa de desemprego para 10,2%, alta de 0,1 ponto percentual ante agosto. O desemprego atinge agora 16,2 milhões de pessoas, o mais alto nível desde a criação do euro há mais de 12 anos.

"Há riscos reais de que a região agora entre em recessão", diz Ben May, economista da consultoria Capital Economics. Ele acredita que o Produto Interno Bruto (PIB) da zona do euro cairá 0,5% em 2012, na comparação com 2011.

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), grupo com sede em Paris que reúne as principais economias desenvolvidas, reduziu sua previsão de crescimento do PIB da zona do euro para 2012: há cinco meses, previa um crescimento de 2%, hoje, a expectativa é de 0,3% (leia texto abaixo). Pelas novas previsões, a zona do euro ficará bem atrás das outras grandes economias, incluindo os EUA e o Japão.

A recessão costuma ser definida como queda do PIB por dois trimestres seguidos (em relação ao trimestre anterior). A zona do euro provavelmente teve expansão no terceiro trimestre, graças ao forte crescimento da Alemanha, diz Greg Fuzesi, economista do J. P. Morgan Chase. Mas deve ter contração de 0,5% no quarto trimestre, diz ele, citando o nível de desemprego e os índices de atividade.

Mais preocupante ainda, diz Fuzesi, é a discrepância crescente entre membros do bloco. O desemprego na Alemanha, Áustria e Holanda está em 6%. Mas o índice está subindo para níveis de crise na periferia da Europa. Na Irlanda, o desemprego está acima de 14%, enquanto na Grécia a taxa quase alcança os 18%, o que coloca ainda mais pressão sobre os gastos públicos com seguro-desemprego e outros benefícios sociais. "O detalhe de cada país é quase pior" que o número consolidado, diz Fuzesi.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais.

O desemprego na Espanha subiu para 22,6% em setembro, o maior da zona do euro. O Banco da Espanha (BC espanhol) disse que a atividade econômica na quarta maior economia da região não cresceu nada no último trimestre. Com a atividade estagnada, Madri pode não alcançar sua meta de redução do déficit público. Isso poderia forçar o governo a uma nova rodada de cortes de gastos, que afetam o crescimento econômico.

A resposta comum dos bancos centrais a níveis de desemprego crescentes e a riscos de recessão é a redução das taxas de juros de curto prazo. O BCE é um dos poucos bancos centrais do mundo com espaço para cortar taxas, tendo aumentado os juros em abril e depois em julho para 1,5%. Essas decisões foram muito criticadas, principalmente fora da Europa, por adicionar dificuldade num momento em que a crise da dívida se agravava.

O Federal Reserve (o Fed, banco central dos EUA), o Banco da Inglaterra e o Banco do Japão têm taxas de juros perto do zero

É pouco provável que Draghi, que ontem substituiu Jean-Claude Trichet como presidente do BCE, responda com cortes na taxa de juros na sua primeira reunião à frente do banco, na quinta. A inflação na zona do euro em 12 meses subiu para 3% em outubro, o maior nível em três anos, disse a Eurostat.

Manter a inflação abaixo dos 2% é o mandato único do BCE, um legado filosófico do conservador banco central alemão, o Bundesbank. Draghi precisou superar dúvidas iniciais de que um italiano seria linha-dura o suficiente para lutar contra a alta dos preços, considerando o histórico italiano de inflação e níveis de dívida. Alguns analistas dizem que cortar juros tão cedo, com a inflação ainda alta, ameaçaria prejudicar a credibilidade de Draghi logo de saída.

"A inflação está claramente em um nível desconfortável para o BCE. Com Draghi querendo parecer mais alemão do que os alemães, isso será considerado na quinta-feira", diz Gustavo Bagattini, economista do RBC Capital Markets. Assim como muitos outros economistas, Bagattini espera evidências para que um corte dos juros aconteça a tempo da reunião de dezembro do BCE, quando serão reveladas as previsões de crescimento e inflação para 2013.

Ele espera uma redução de meio ponto percentual na reunião, a segunda sob a chefia de Draghi - revertendo totalmente os aumentos de abril e julho feitos sob Trichet.

OCDE prevê "desaceleração acentuada" para ricos

Os países da zona do euro terão uma "desaceleração acentuada" em 2012 e precisam "atuar de maneira resoluta" para restaurar a confiança na capacidade de as autoridades econômicas produzirem reações apropriadas. A avaliação faz parte de relatório divulgado ontem pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), que também previu um cenário de fraca expansão para os EUA.

"A mensagem que temos hoje é que a coisa não parece boa. [Sem] mudanças, vamos ter um prolongado baixo crescimento, alto desemprego, elevada dívida acumulada. Temos que evitar isso", disse Angel Gurría, o secretário-geral da OCDE, associação dos países ricos para a formulação de políticas econômicas.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais.

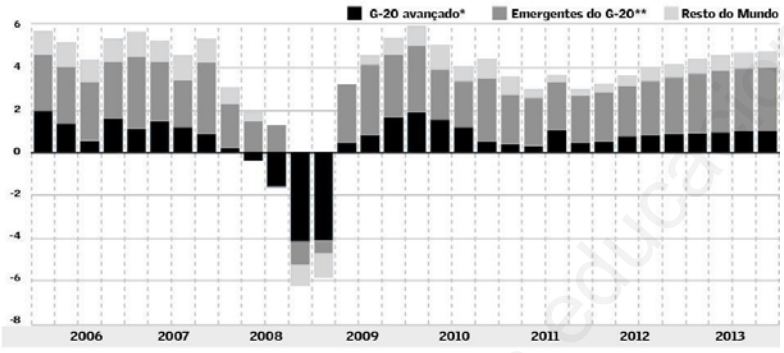
Cenário de incertezas

Projeções da OCDE para países do G-20 - em %

	2010	2011	2012	2013
Crescimento do PIB real				
Mundo	5,2	3,9	3,8	4,6
G-20 avançado*	2,9	1,5	1,5	2,2
EUA	3,0	1,7	1,8	2,5
Zona do euro	1,7	1,6	0,3	1,5
Japão	4,0	-0,5	2,1	1,5
Emergentes do G-20**	8,5	7,2	6,7	7,4
China	10,4	9,3	8,6	9,5
Dívida pública/PIB				
G-20 avançado*	102,3	106,1	110,6	113,8
EUA	94,2	97,6	103,8	108,7
Zona do euro	92,8	95,2	97,2	97,6
Japão	200,0	212,3	219,8	227,6
Inflação				
Mundo	3,3	4,4	3,5	3,0
G-20 avançado*	1,5	2,7	1,8	1,3
Emergentes do G-20**	5,8	6,5	5,5	5,0

Contribuições ao crescimento do PIB global

Em pontos percentuais, trimestral anualizado



Fonte: OCDE * Alemanha, Austrália, Canadá, Coreia do Sul, Espanha, Estados Unidos, França, Itália, Japão e Reino Unido ** África do Sul, Brasil, China, Índia, Indonésia, México, Rússia e Turquia

Pelos cálculos da OCDE, a expansão econômica da zona do euro em 2012 ficará quase estagnada, em 0,3%, após um crescimento de apenas 1,6% neste ano. Em maio, a organização estimava um avanço de 2% para a zona do euro no ano que vem. Já a economia dos Estados Unidos crescerá 1,7% neste ano e 1,8% em 2012 - bem abaixo dos 2,6% e 3,1% previstos para 2011 e 2012 há cerca de seis meses.

As previsões divulgadas ontem evidenciam os desafios à frente dos líderes do G-20, que se encontram em Cannes na quinta-feira para buscar uma resposta coordenada à freada da economia global e à disseminação da crise da dívida soberana europeia. Segundo a OCDE, o crescimento tem sido prejudicado pela adoção de políticas inadequadas e "são necessárias informações detalhadas" sobre como a União Europeia irá pôr em prática o pacote de medidas anunciado na semana passada para combater a crise da dívida.

A organização recomenda ainda que os bancos centrais das nações desenvolvidas não promovam aumentos nas taxas de juros, ou então as reduzam "onde for possível". O Banco Central Europeu (BCE) elevou há quatro meses a sua taxa referencial para 1,5%. Nesta semana, o conselho do BCE se reúne para decidir se mantém a taxa no atual nível.

Crise europeia é a maior ameaça à reeleição de Obama

Gideon Rachman

Nesta época, no ano que vem, os americanos estarão votando nas eleições presidenciais. O esforço do Partido Republicano para escolher um candidato capaz de vencer Barack Obama se parece, cada vez mais, com eventos conhecidos como "speed-dating", em que os participantes conversam cara a cara por 10 minutos, com o objetivo de encontrar parceiros para namorar. Os legalistas do partido avaliam rapidamente o candidato até ficar insatisfeitos e passar ao próximo.

Houve curtos flertes com a deputada Michelle Bachmann e o governador Rick Perry - bem como com dois candidatos que se recusaram até a confirmar sua disponibilidade, Sarah Palin e Chris Christie. O mais recente a passar por esse rápido crivo foi Herman Cain, ex-executivo de uma rede de pizzarias e que tem um certo encanto pouco convencional. Mas tudo indica que os republicanos acabarão convocando o seu primeiro dândi potencial, o vistoso, bem-apessoado mas estranhamente pouco atraente Mitt Romney.

Ao contrário de Obama - e mesmo de George W. Bush - Romney não inspira devoção em seus adeptos. Ninguém passa a noite em claro sonhando com uma Presidência de Romney, com a possível exceção dele mesmo. O fato de Romney ser um multimilionário que ganhou boa parte de seu dinheiro em compras de participações lhe dificultará a tarefa de sugerir que sente os problemas econômicos dos eleitores. Mesmo assim, de todos os potenciais candidatos republicanos, Romney é o mais temido pelo governo Obama. Ao contrário dos outros pré-

candidatos principais, ele não pode ser convincentemente descrito como extremista ou idiota. Ele é um presidente plausível. E, se a economia estiver ruim em 2012, isso pode ser suficiente.

Obama tem de superar um precedente histórico bem desestimulante. Nos últimos 80 anos, nenhum presidente dos EUA foi reeleito quando a taxa de desemprego estava superior a 7,2%. O índice de desemprego nos EUA está hoje em 9,1%. Uma medida mais ampla, que inclui as pessoas que não conseguem encontrar um emprego de tempo integral ou que desistiram de procurar, situa o indicador em níveis próximos a 17%.

Na semana passada, porém, foi anunciado que a economia dos EUA cresceu a uma taxa anualizada de 2,5%. Em outubro, o índice S&P 500 apresentou sua maior alta mensal desde 1974. Se a expansão for sustentável, os mercados subirem e o desemprego recuar claramente em um ano, ainda é possível que Obama possa vencer a reeleição com bastante facilidade.

O maior perigo para o presidente é que as nuvens escuras na Europa atravessem o Atlântico nos próximos 12 meses e comecem a trovejar sobre os EUA. A atual recuperação americana é tão frágil que os assessores de Obama temem que uma piora acentuada na Europa possa trazer logo problemas à economia dos EUA. Já seria bastante complicado para Obama ganhar a reeleição com o desemprego em mais de 9%. Mas ele realmente terá problemas se a situação chegar a um ponto em que mais de um em cada dez americanos esteja oficialmente sem trabalho.

Apesar das comemorações de triunfo em Bruxelas após o encontro sobre a dívida na semana passada, parece provável que a crise volte a ganhar força. O fato de que a Itália não conseguiu captar recursos em condições mais favoráveis, mesmo após o novo acordo, foi um claro sinal de que o ceticismo do mercado quanto à capacidade europeia de pagar sua dívida ainda não se dissipou. O futuro da Europa - assim como seu passado recente - deverá consistir em dívidas, resgates, medo e austeridade.

A fragilidade econômica crônica dentro da União Europeia poderia deprimir a demanda e confiança nos EUA. E, se os problemas da dívida europeia realmente crescerem, a ponto de causar uma nova crise bancária e uma recaída recessiva, as chances poderiam virar-se contra Obama de forma decisiva.

A preocupação do secretário do Tesouro, Tim Geithner, de discutir a Europa indica que o governo Obama tem plena consciência da ameaça política e econômica representada pelo continente.

Obama poderia argumentar plausivelmente que uma retomada da crise com raízes na Europa dificilmente poderia ser atribuída a ele. Tal argumento, porém, o faria parecer que foi fraco ou que busca por desculpas. Seu oponente republicano poderia simplesmente levantar a velha questão "Vocês estão melhor agora do que há quatro anos?" e absorver os votos da maioria dos americanos, que responderia, enfaticamente, "não".

Os republicanos provavelmente estarão dispostos a ir além disso. Não é de hoje que os líderes do partido sugerem, de várias maneiras, que há algo de não americano em Obama. Romney, em especial, parece determinado a retratar o presidente como porta-bandeira de um modo europeu - exógeno e fracassado -, de fazer as coisas. Recentemente, ele disse que a resposta de Obama é "tomar emprestado dinheiro que não temos como bancar. Exatamente como a Europa. As respostas europeias do presidente Obama não são a solução para os problemas americanos".

O esforço no sentido de vincular o presidente ao Velho Continente em dificuldades contém verdade suficiente para ser potencialmente problemático. Quando Obama surgiu pela primeira vez em cena, foi saudado como um salvador na Europa. Lembre-se daquelas multidões calorosas em Berlim durante a campanha eleitoral de 2008 - e da estranha decisão da Noruega de conceder ao novo presidente o Nobel da Paz. O carro-chefe de Obama na área da reforma social - um sistema de saúde universal - também levou os EUA para mais perto do modelo social europeu.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais.

Os europeus gostam de retratar os EUA como um país insular, que mal percebe o resto do mundo. A próxima eleição presidencial poderá colocar o preconceito em questão. Para bem ou para mal, o "espectro europeu" projetará a sombra de sua presença na disputa pela Casa Branca.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 1 e 2 nov. 2011, Primeiro Caderno, p. A11.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais.